



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

PATRÍCIA DE FARIAS SOUSA

DESVENDANDO OS (EN) CANTOS DO IMAGINÁRIO CULTURAL E
LENDÁRIO DO CARIRI PARAIBANO: UMA EXPERIÊNCIA DE
LEITURA COM VERSOS DE JÚNIOR CORDEIRO

Campina Grande – PB

2014

PATRÍCIA DE FARIAS SOUSA

**DESVENDANDO OS (EN) CANTOS DO IMAGINÁRIO CULTURAL E
LENDÁRIO DO CARIRI PARAIBANO: UMA EXPERIÊNCIA DE
LEITURA COM VERSOS DE JÚNIOR CORDEIRO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em *Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares*, da Universidade Estadual da Paraíba, em parceria com a Secretaria de Estado da Educação da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Marques Souza

Campina Grande – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S725d Sousa, Patrícia de Farias

Desvendando os (en) cantos do imaginário cultural e lendário do cariri paraibano: uma experiência de leitura com versos de Júnior Cordeiro [manuscrito] / Patrícia de Farias Sousa. - 2014. 52 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Prof. Fábio Marques Souza, Departamento de Letras e Artes".

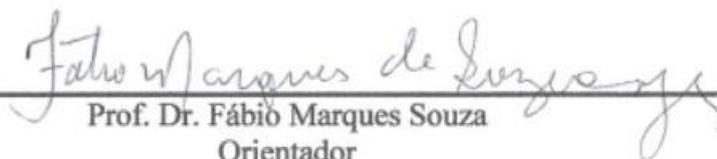
1. Cultura. 2. Poesia Popular. 3. Cariri Paraibano. I. Título.
21. ed. CDD 306

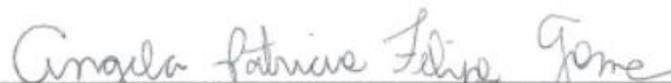
PATRÍCIA DE FARIAS SOUSA

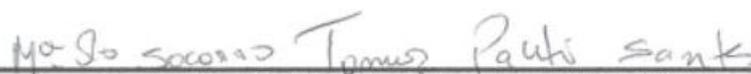
DESVENDANDO OS (EN) CANTOS DO IMAGINÁRIO CULTURAL E
LENDÁRIO DO CARIRI PARAIBANO: UMA EXPERIÊNCIA DE
LEITURA COM VERSOS DE JÚNIOR CORDEIRO

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em *Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares*, da Universidade Estadual da Paraíba, em parceria com a Secretaria de Estado da Educação da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista.

Aprovada em 06/12/ 2014.


Prof. Dr. Fábio Marques Souza
Orientador


Profa. Ma. Angela Patricia Felipe Gama
Examinadora


Profa. Ma. Maria do Socorro Tomaz Palitó Santos
Examinadora

*Aos poetas são-joanenses que (en) cantam nosso
Cariri com seus versos, em especial ao poeta Júnior
Cordeiro, DEDICO.*

Agradecimentos

A Deus, pelo dom da vida e por, em muitos momentos aflitivos, conceder a sua paz e a serenidade para enfrentar os obstáculos que me atravessavam e superar os desafios.

Aos meus pais, Manoel e Josefa, pelo exemplo de vida, pelo estímulo à busca do crescimento por meio da Educação e por oferecer as condições necessárias para a realização deste trabalho. Sejam sempre abençoados.

Aos meus queridos irmãos, pelo apoio sincero e por não medirem esforços para me ajudar em todos os momentos em que necessitei no decorrer de minha formação acadêmica. São exemplos de carinho e união.

Ao meu noivo, Luiz Gustavo, por estar sempre ao meu lado me incentivando e me apoiando, dividindo os momentos bons e difíceis desta trajetória. Amo-te!

Ao professor Fábio Marques de Souza pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação.

A todos os professores do Curso de Especialização: práticas pedagógicas interdisciplinares, que contribuíram na minha formação. E aos membros da Banca Examinadora, pela leitura e colaboração.

Aos colegas do curso, pela agradável convivência e pelos momentos de trocas de ideias.

Ao amigo Petrócio Clécio pela imensa colaboração na realização desta experiência de ensino com a linguagem poética e musical do cantor e poeta são-joanense Júnior Cordeiro.

Aos alunos colaboradores da escola pública Estadual Jornalista José Leal Ramos, da cidade de São João do Cariri – PB que, com suas contribuições valiosas, possibilitaram a realização desta pesquisa.

A Secretaria do Estado da Educação pela iniciativa de fortalecer a formação continuada de professores da rede estadual de ensino da Paraíba por meio do oferecimento deste Curso de Especialização.

*Louvo a tradição oral
Nas minhas reflexões
Persigo mitos e lendas
Das paragens dos sertões
A minha mente é morada
De muitas assombrações*

(Júnior Cordeiro)

RESUMO

A escola deve oferecer espaços de diálogos com a cultura de seu território, elegendo uma grade curricular que contemple a pluralidade e a diversidade cultural local e a interação da escola com produções e produtores de cultura na sociedade. Isso representa um das possibilidades para unir educação e cultura, contudo, cabe aos educadores e à sociedade trilhar novas aproximações. Nesse sentido, este trabalho teve como objetivo geral propiciar uma experiência de leitura com a produção poética e musical do artista são-joanense Júnior Cordeiro, a fim de (re) conhecer por meio de suas composições o imaginário lendário e cultural do povo do Cariri Paraibano. Para tanto, foi realizada uma vivência de leitura compartilhada com os versos do poeta com turmas do Ensino Fundamental e Médio da EEEFM Jornalista José Leal Ramos, da cidade de São João do Cariri – PB. Como principais referências que fundamentaram o experimento, destacam-se os estudos de Brandão (2010), Paulo Freire (1999), Silva (2001), Silva (2008), *Lei de Diretrizes Bases da Educação* (2007) e os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1997), Colomer (2007), Pinheiro (2001, 2007, 2008, 2012), *Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba* (2007), dentre outros. Quanto à realização da pesquisa participante, baseou-se nas formulações de Moreira & Caleff (2006) e Minayo (2007). Os resultados apontam que a presente proposta de leitura realizada nas aulas de Língua Portuguesa representou um exemplo de abertura de espaços para desvendar a cultura local, de forma que foi possível identificar utopias e metáforas que povoam o imaginário lendário, cultural e religioso do povo do Cariri Paraibano. Finalmente, este trabalho mostrou-se que, a escola não necessariamente deve oferecer cultura, mas explorar a cultura do alunado para sensibilizá-los para esse saber plural.

Palavras-chave: Poesia Popular Caririzeira; Imaginário Lendário e Cultural; Cariri Paraibano.

ABSTRACT

The school should offer opportunities for dialogue with the culture of its territory, choosing one curriculum that includes plurality and local cultural diversity and interaction with school productions and producers of culture in society. This is one of the possibilities to unite education and culture, however, it is for educators and society tread new approaches. In this sense, this study aimed to provide a reading experience with the poetry and music production artist are-joanense Junior Lamb in order to (re) learn through their compositions and the legendary cultural imaginary of Cariri Paraibano people . For this purpose, a shared reading experience with the poet's verses with classes of elementary and high school education EEEFM Journalist José Leal Ramos was held in the city of São João do Cariri - PB. The main references that supported the experiment, we highlight the Brandão studies (2010), Paulo Freire (1999), Silva (2001), Silva (2008), Guidelines Law Bases of Education (2007) and the National Curriculum Parameters (1997), Colomer (2007), Pine (2001, 2007, 2008, 2012), Curriculum Benchmarks for Secondary Education of Paraíba (2007), among others. For the conduct of participatory research, was based on Moreira & Caleff formulations (2006) and Minayo (2007). The results show that this proposed reading done in Portuguese classes represented a space opening example to unravel the local culture, so that we could identify utopias and metaphors that populate the legendary imaginary, cultural and religious Cariri people Paraíba. Finally, this study showed that the school does not necessarily should offer culture, but explore the student body of the culture to make them aware of this knowledge plural.

Keywords: Popular Poetry Caririzeira; Legendary imaginary and Cultural; Cariri Paraíba.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.	Localização geográfica da Escola Jornalista José Leal Ramos.....	25
Figura 2.	Folder da VI Exposição Científica e Cultural da Escola Jornalista José Leal. Ramos.....	34
Figura 3.	Apresentação do Imaginário Lendário e Encantado do Cariri. Paraibano.....	34
Figura 4.	Procissão da festa de Padroeira de Nossa Senhora dos Milagres.....	39
Figura 5.	Apresentação de símbolos de crenças religiosas do Cariri.....	40
Figura 6.	Apresentação dos elementos da sabedoria popular.....	42
Figura 7.	Apresentação dos cordéis de Júnior Cordeiro.....	45
Figura 8.	Participação do poeta Júnior Cordeiro na VI Exposição Científica e Cultural. da Escola Jornalista José Leal Ramos.....	47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. FUNDAMENTOS TEÓRICOS.....	13
1.1. CULTURA E EDUCAÇÃO ESCOLAR.....	13
1.2. PLURALIDADE CULTURAL COMO PROPOSTA CURRICULAR.....	15
1.3. CULTURA POPULAR: O IMAGINÁRIO LENDÁRIO E ENCANTADO DO. CARIRI PARAIBANO.....	17
1.4. POESIA POPULAR: METODOLOGIAS DE ENSINO.....	20
2. NAS TRAMAS DA EXPERIÊNCIA.....	24
2.1. DESVELANDO O PERCURSO METODOLÓGICO.....	24
2.2. E POR FALAR EM JÚNIOR CORDEIRO.....	26
2.3. SÃO JOÃO DO CARIRI (EN) CANTA COM VERSOS DE JÚNIOR. CORDEIRO.....	28
2.3.1. O Imaginário Lendário e Encantado do Cariri Paraibano.....	29
2.3.2. Fé e Crença: a Religiosidade do Caririzeiro.....	38
2.3.3. Conhecimento Popular.....	40
2.3.4. Literatura de Cordel.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	49

INTRODUÇÃO

A escola é o local por excelência para apropriação do conhecimento, embora existam outros espaços na sociedade por onde perpassa multissaberes. Em cidades pequenas, como a exemplo de São João do Cariri, localizado na região do Cariri Paraibano, têm-se vários locais de acesso ao conhecimento, que emergem, sobretudo da tradição cultural.

Nesse sentido, convém aproximar educação e cultura, para tanto é necessário à articulação da escola com esses diferentes locais de conhecimentos, a fim de que esta conexão traga um impacto significativo e efetivo na aprendizagem dos discentes. Uma alternativa plausível é o trabalho com projetos culturais, que levam em consideração um conceito de cultura mais amplo, isto é, não uma cultura vista somente como evento cultural, e sim interligada com cidadania, sustentabilidade, patrimônio cultural, dentre outras áreas.

O grande desafio da escola hoje é contribuir para a promoção da formação humana e cidadã dos jovens, que está pautada numa educação com base em valores éticos, morais e ambientais. Trata-se de uma tarefa complexa que exige da escola uma dinâmica que ultrapasse temas, conteúdos e programas. É dentro dessa visão que a escola deve oferecer espaços de diálogos com a cultura de seu território, elegendo uma grade curricular que contemple a pluralidade e a diversidade cultural local e a interação da escola com produções e produtores de cultura na sociedade. Isso representa um das possibilidades para unir educação e cultura, contudo, cabe aos educadores e à sociedade trilhar novas aproximações.

O trabalho ora proposto configura-se na necessidade de refletir um pouco como a escola pode trabalhar a pluralidade cultural como proposta curricular, especificamente nas aulas de Língua Portuguesa. Vale dizer que, vivemos no contexto das diferentes culturas, assinaladas por singularidades oriundas de processos históricos, políticos e culturais por meio dos quais são constituídas. Em outras palavras, no contexto da diversidade cultural e esta, sim, deve ser considerada no currículo como um eixo que orienta as experiências e práticas escolares.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como proposta apresentar algumas possibilidades de experiência de ensino acerca de alguns símbolos contidos no imaginário popular da comunidade local, os quais foram vivenciados na Escola Estadual Jornalista José Leal Ramos, no município de São João do Cariri – PB.

Assim sendo, o trabalho monográfico terá como objetivo geral propiciar uma experiência de leitura com a produção poética e musical do artista são-joanense Júnior

Cordeiro, a fim de (re) conhecer por meio de suas composições o imaginário lendário e cultural do povo do Cariri Paraibano. No que tange aos objetivos específicos, conhecer as lendas, os mitos, as tradições, as manifestações artísticas e os hábitos locais contribuindo para construção da própria identidade; despertar a imaginação simbólica dos discentes por meio do reconhecimento dos elementos culturais presentes no imaginário popular; reconhecer a importância da valorização e da preservação da cultura local.

A escolha do tema justifica-se na medida em que o trabalho visa explorar a cultura local por meio de uma metodologia de trabalho em sala de aula, em especial nas aulas de Língua Portuguesa, a qual apresentará outra leitura, um “olhar” diferente do habitual sobre o que seria o Cariri Paraibano a partir da leitura poética e musical do cantor e compositor de São João do Cariri, Júnior Cordeiro, que nas suas canções, nos seus cordéis canta o imaginário lendário, mítico e encantado do Cariri Paraibano. Vale dizer que essas manifestações culturais do Cariri, são muitas vezes, esquecidas ou até mesmo desconhecidas e desvalorizadas. A escola não necessariamente deve oferecer cultura, mas explorar a cultura dos próprios discentes e sensibilizá-los para esse saber plural.

Esta monografia está organizada em dois capítulos. O primeiro consta de uma apreciação teórica metodológica dividida em quatro tópicos: Cultura e Educação Escolar; Pluralidade Cultural como proposta curricular; Cultura Popular: O Imaginário Lendário e Encantado do Cariri Paraibano; Poesia Popular: Metodologias de Ensino. O segundo capítulo se propõe relatar uma experiência de leitura com canções e cordéis de uma artista são-joanense, Júnior Cordeiro, descrevendo as vivências em sala de aula, as leituras feitas pelos alunos, às discussões, as atividades propostas, os momentos de interação entre os alunos e a produção poética de Júnior Cordeiro.

Nas considerações finais, faz-se uma avaliação crítica da pesquisa, apresentam-se novas perspectivas de ensino no que diz respeito à promoção do repertório cultural local, apontando questões a serem repensadas e aprofundadas. Pretendemos com esse trabalho contribuir para despertar a imaginação simbólica dos discentes por meio do reconhecimento dos elementos culturais presentes no imaginário popular e, por conseguinte, reconhecer a importância da valorização e da preservação da cultura local.

1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

1.1 CULTURA E EDUCAÇÃO ESCOLAR

Dada à importância de potencializar processos de ensino e aprendizado por meio da democratização do acesso à cultura e da integração de práticas criativas e da diversidade cultural brasileira, tem-se observado a importância de se trabalhar a diversidade cultural. Tal proposta é bem difundida pelo programa federal Mais Cultura nas Escolas que tem como finalidade:

[...] fomentar ações que promovam o encontro entre o projeto pedagógico de escolas públicas e experiências culturais e artísticas em curso na comunidade local, potencializando a participação destas no processo de aprendizado escolar e ampliando os agentes sociais responsáveis pela melhoria da educação pública. (SECRETARIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS CULTURAIS – SPC, 2014)

Mas para atender a tais parâmetros é necessário antes nos reportarmos à concepção de cultura. De acordo com Freire (1999, p. 41) “Cultura aqui é todo resultado da atividade humana, do esforço criador e recriador do homem, de seu trabalho por transformar e estabelecer relações dialogais com outros homens”. Nessa perspectiva, o homem tanto produz cultura como também é definido pela cultura, no tocante a construção de sua identidade, sua maneira de perceber, pensar e sentir o mundo.

Ainda a esse respeito Brandão (2005) afirma:

A cultura existe nas diversidades maneiras por meio das quais criamos e recriamos as teias, as tessituras e os tecidos sociais de símbolos e de significados que atribuímos a nós próprios, às nossas vidas e aos nossos mundos. [...] Criamos os mundos sociais em que vivemos e só sabemos viver nos mundos sociais que criamos. Ou onde reaprendemos a viver, para sabermos criar com outros os seus outros mundos sociais. E isto é a cultura que criamos para viver e conviver (BRANDÃO, 2005, p. 72).

Com esta afirmação, é possível entender que a cultura é algo inerente ao homem e está atrelada ao processo de interação com outros seres humanos, logo o sujeito não nasce “ser social”, ele torna “ser social” em contato com outros indivíduos. Assim explorar a cultura dentro de um espaço educacional é primar pela valorização da diversidade cultural, mas

convém ressaltar que essa imprescindível valorização da diferença implica reconhecermos positivamente a pluralidade e a singularidade de cada cultura.

Para Brandão (2005, p. 76):

Um outro passo estaria na redescoberta do valor humano e artístico das criações populares. Mas seria então necessário trazê-las para a escola e para a educação, não como fragmentos do que é pitoresco e curioso, ou como um momento de aprendizado de hora de recreio. Ao contrário, o que importa é reaprender com a arte, com o imaginário e com a sabedoria do povo – dos vários povos do povo – outras sábias e criativas maneiras de viver, e de sentir e pensar a vida com a sabedoria e a sensibilidade das artes e das culturas do povo.

De acordo com tal perspectiva socializar as diferentes manifestações culturais populares locais é tarefa primordial da escola. Nesse caso, propor ações que com diferentes linguagens artísticas, que possibilitem aos alunos se reconhecerem e apresentarem os diferentes costumes de sua localidade, entre os quais destacamos: manifestações religiosas, tradições, culinária, festividades populares, mitos e lendas, dentre outros aspectos. O trabalho nessa perspectiva permitirá que a escola seja um ambiente mais integrador, crítico, dinâmico e construtor de um aprendizado não meramente teórico, mas também efetivado por meio da vivência\experiência.

Podemos avaliar como a diversidade é apresentada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9394\96, compreendida como a orientação legal para a construção das diretrizes curriculares nelas advindas. Conforme o artigo 26:

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos (BRASIL, 2007).

Apesar de este artigo conferir liberdade de organização aos sistemas de ensino, percebemos que os projetos escolares relacionadas à sensibilidade para com a diversidade incorporada ainda se faz presente de forma muito tímida no cotidiano escolar. À luz desse documento parametrizador, a diversidade deve abranger os componentes curriculares, como um conceito operatório que precisa ser aproveitada em toda a sua potencialidade.

Este trabalho tem como um dos seus propósitos promover a reflexão sobre o estudo da linguagem em interface com a questão da Pluralidade Cultural. Ao considerar a escola e a sala de aula como espaços que evidenciam a diversidade cultural local, realizou-se nas aulas de Língua Portuguesa uma experiência de ensino com canções e cordéis do cantor e compositor de São João do Cariri, Júnior Cordeiro, como instrumento para trabalhar a pluralidade cultural, além de ressaltar o autoconhecimento e a formação da identidade.

1.2. PLURALIDADE CULTURAL COMO PROPOSTA CURRICULAR

Os temas transversais são constituídos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e caracterizam-se por um conjunto de assuntos que aparecem transversalizados em áreas determinadas do currículo, que se constituem na necessidade de um trabalho mais significativo e expressivo de temáticas sociais na escola. Em outras palavras, são temas que envolvem um aprender sobre a realidade, na realidade e da realidade, preocupando-se também em interferir na realidade para transformá-la (PCN's, 1997).

A partir desses princípios, constatamos que a principal finalidade da educação é a cidadania e para alcançá-la faz-se necessário uma mudança de protótipo, com vistas a compreender que a educação tem o objetivo de promover a formação do (a) cidadão (ã). Cabe ressaltar que os conteúdos tradicionais (Matemática, História, Física, Geografia, Línguas, etc.) continuam sendo os referenciais para o sistema de ensino, porém os mesmos transversalmente abrangem seis áreas do conhecimento, a saber: Ética, Meio Ambiente, Orientação Sexual, Pluralidade Cultural, Trabalho e Consumo, Saúde.

Nesse sentido, exige-se que a escola seja um ambiente democrático, criativo, inclusivo, plural e participativo, atuando como agente do desenvolvimento sustentável, com condições de garantir a igualdade de oportunidades para todos (as). É bem verdade que por uma razão histórica a sociedade brasileira é formada por um processo de intensa miscigenação, o qual resultou num país rico em diversidade étnica e cultural.

Ao considerar essa miscigenação da cultura brasileira tem-se a possibilidade de abordar a Pluralidade Cultural, que possui como missão respeitar os distintos grupos e culturas que compõem o cenário étnico brasileiro, motivando a convivência com diferentes grupos e fazendo dessa singularidade uma vivência de enriquecimento cultural. O documento de Pluralidade Cultural enfatiza que apesar das expressivas heranças culturais que convivem a

população brasileira, observa-se que a existência de preconceitos, relações de discriminação e exclusão inviabiliza a plenitude do exercício da cidadania (PCN's, 1997).

De acordo com o referido documento:

A diversidade marca a vida social brasileira. Encontram-se diferentes características regionais, diferentes manifestações de cosmologias que ordenam de maneiras diferenciadas a apreensão do mundo, formas diversas de organização social nos diferentes grupos e regiões, multiplicidade de relações com a natureza, de vivência do sagrado e de sua relação com o profano. O campo e a cidade propiciam às suas populações vivências e respostas culturais muito diferenciadas que implicam ritmos de vida, ensinamentos de valores e formas de solidariedades distintas. Os processos migratórios colocam em contato grupos sociais com diferenças de fala, de costumes, de valores, de projetos de vida (PCN's, 1997, p. 25).

Nesta ótica, compreende-se a importância da diversidade cultural no meio social, no entanto esta, muitas vezes, é ignorada. No ambiente escolar, onde a diversidade cultural está presente diretamente naqueles que constituem a comunidade, essa presença tem sido minimizada ou até mesmo silenciada. São vários os motivos da omissão com relação à Pluralidade Cultural.

De acordo com os PCN's (1997), propostas oficiais buscavam interpretar o Brasil na perspectiva da homogeneidade cultural, logo tais interpretações difundiram nas escolas concepções neutralizadoras em relação às diferenças culturais, depreciando as valiosas contribuições que compuseram a identidade nacional e, por conseguinte, promovendo atitudes discriminatórias entre os membros da comunidade escolar.

A educação escolar, entre outras medidas estruturais, deve reverter esse processo, reconhecendo e valorizando as características específicas e singulares de regiões, etnias, escolas, professores e alunos. Para tanto, faz-se necessário abordar a relevância da pluralidade cultural no contexto social e no contexto escolar, tendo como eixo central a aceitação das diferentes culturas existentes e a questão da discriminação tanto na sociedade como na escola.

Ainda sobre isso, as definições do multiculturalismo contribuem para uma compreensão maior acerca desse fenômeno social. Conforme Silva (2001), o multiculturalismo teve sua ascendência nos países dominantes do Norte e é debatido em duas linhas de pensamentos, a saber: a primeira que considera o multiculturalismo como um movimento autêntico de reivindicação dos grupos culturais explorados no interior daqueles países, a fim de terem suas manifestações culturais reconhecidas na cultura nacional.

Já a segunda linha de pensamento compreende o multiculturalismo como uma solução para os entraves que a presença de grupos raciais e étnicos do interior daqueles países para a cultura dominante. O autor destaca que o multiculturalismo não pode ser percebido desvinculado das relações de poder que forçaram essas diversas culturas raciais, étnicas e nacionais a conviverem no mesmo ambiente e que embora tendo essa ambiguidade representa o importante instrumento de luta política.

O multiculturalismo como uma questão curricular é compreendida sob diferentes perspectivas. A liberal ou humanista, que prega um currículo baseado nas ideias de tolerância, respeito e convivência harmoniosa entre as culturas. E a perspectiva crítica entende que estas noções deixam intactas as relações de poder e que o mais desejável seria uma análise dos processos pelos quais as diferenças são produzidas por meio de relações de assimetria e desigualdade.

Nesse sentido, faz necessário ressaltar a necessidade da formação do professor para uma educação multicultural, sendo esta uma tarefa árdua, pois no cotidiano da sala de aula são muitos preconceitos e estereótipos que ainda estão arraigados nos alunos, tendo em vista os padrões culturais que lhe são impostos. A classe docente precisa abraçar o multiculturalismo em seus currículos, uma vez que somente professores com essa nova formação conseguirá desenvolver um processo de ensino pautado na realidade sociocultural e, por conseguinte, passem a ter uma escola sem discriminação.

Ainda conforme Silva (2001) esta desejável igualdade não se alcança simplesmente por meio da igualdade de acesso ao currículo hegemônico. É preciso mudanças significativas do currículo existente e que tais mudanças perpassem por reflexões a respeito de como as diferenças são produzidas através das relações sociais.

1.3 CULTURA POPULAR: O IMAGINÁRIO LENDÁRIO E ENCANTADO DO CARIRI PARAIBANO

Entende-se como cultura popular a interação entre pessoas de uma mesma sociedade, a qual varia conforme as transformações ocorridas no meio social. Pode advir de várias linhagens, uma vez que determinada comunidade pode ser composta por pessoas de territórios distintos que compartilham a cultura de sua nação formando uma nova, e também envolve todas as classes sociais.

Ainda sob uma visão conceitual as manifestações culturais populares se constituem basicamente pela tradição oral, “que se mistura com a cultura de massa, esta com a cultura erudita e vice-versa”, como assegura Bosi (1987, p.7). Na perspectiva do autor, a definição de cultura popular depende da escolha de um ponto de vista e, em geral, sugere em uma tomada de posição.

Dessa maneira, são consideradas atividades de formação cultural e aprendizado aquelas ações que valorizam a transmissão de saberes feita oralmente pelos mestres e griôs. Referem-se à cultura das comunidades tradicionais, seus costumes, memória, contos populares, lendas, mitos, provérbios, orações, advinhas, romanceiros e outros (SECRETARIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS CULTURAIS – SPC, 2014).

Como se pode ver a cultura popular originada de tradições populares das sociedades ao longo dos tempos apresenta à vida, os sentimentos, as formas de expressão de um povo, propiciando, assim, a formação de uma identidade. A esse respeito Pinheiro (2001, p. 80) afirma que necessitamos ter “uma atitude humilde, receptiva diante da cultura popular para poder-lhe aprender o sentido e não interpretá-la de modo redutor”.

O trabalho com a leitura de lendas, poesias, cordéis e letras de músicas locais no ambiente escolar é uma forma de envolvimento afetivo com a cultura popular, isso porque tais gêneros permitem conhecer a história, formas e cenas relacionadas aos costumes culturais, bem como o resgate da cultura vivida. Para Silva (2008), a importância da cultura no espaço escolar advém, principalmente, da descoberta de que ela nos revela sobre as formas de aprendizagem e ensinamentos menos utilitários e instrumentos do que os disponibilizados em geral por escolas.

Ainda de acordo com o autor:

A cultura popular, portanto, concebida como um sistema outro de conhecimentos, sentidos e significados, seria capaz de resgatar para a escola no processo educacional, toda a riqueza da experiência de diferentes formas de compreender e interpretar o real, a vida e a condição humana (SILVA, 2008, p. 17).

Partindo desse princípio das manifestações da cultura popular como reflexo da sociedade, o trabalho ora proposto busca apresentar metodologias de ensino que vislumbraram conhecer as histórias orais contadas pelo povo da região do cariri paraibano, mais precisamente na cidade de São João do Cariri, tendo em vista destacar os símbolos contidos no imaginário popular.

Nas trilhas da diversidade cultural e por meio de uma linguagem poética (música, poesia, literatura de cordel, lendas e mitos) expressa pelo artista local Júnior Cordeiro, que nas suas canções, nos seus cordéis canta o cariri, será apresentado outra face do semiárido, que muitas vezes, é esquecido ou até mesmo desconhecido pela comunidade.

Mas antes disso faz-se necessário conceituar algumas dessas histórias que estão inseridas na sociedade e tem grande afinidade com a própria cultura, uma vez que nesses gêneros literários de tradição oral entram tipos sociais da sociedade em que a lenda se forma, os casos dizem respeito àqueles que vivem naquele meio social e podem atingir qualquer grau de fantasioso.

Baczko *apud* Agostini (2005) assegura que toda sociedade é dotada de um imaginário coletivo ou social, partindo do princípio de que a organização social se dá a partir da criação e manutenção de bens simbólicos, que são elementos representativos das pretensões, dos anseios, das aspirações e das necessidades coletivas, através das quais se legitima a ordem social. Entretanto, esses bens simbólicos não são produzidos de maneira aleatória, como a própria expressão poderia inicialmente implicar. Ao contrário, eles aparecem das especificidades de um determinado momento, como também de experiências coletivas marcantes, tornando-se reais a ponto de preservar justificando a própria existência da sociedade. Nessa ótica, Baczko *apud* Agostini (2005) afirma que

[...] os mais estáveis dos símbolos estão ancorados em necessidades profundas e acabam por se tornar uma razão de existir e agir para os indivíduos e para os grupos sociais. Os sistemas simbólicos em que assenta e através do qual opera o imaginário social são construídos a partir da experiência dos agentes sociais, mas também a partir dos seus desejos, aspirações, motivações (BACZKO, 1986, p. 311).

De maneira complementar e levando o foco de deste trabalho que são as concepções de histórias populares, é preciso destacar os conceitos dessas manifestações da cultura de um povo. De acordo com Terceiro:

Os mitos são a totalidade, são as histórias passadas de geração em geração sobre como são as coisas. A tentativa de explicar o mundo teve sua origem e como funcionam as coisas do universo. Já as lendas entram no conjunto do imaginário popular, são histórias do povo sobre os mais diversos tipos sociais e sobre a sociedade em geral. Ambos os conceitos se encaixam em inúmeras manifestações da arte, incluindo a literatura, sendo esta a que mantém maior difusão de tais conceitos (TERCEIRO, ano, p.).

Pode-se inferir então a partir do que foi exposto, que as lendas ou histórias orais populares emanam da cultura. Ainda hoje se ouve as histórias que o povo conta mesmo com o advento da modernidade, muitos lugares guardam suas memórias como a cidade de São João do Cariri, onde tais histórias são cantadas pelo artista da terra Júnior Cordeiro por meio de suas canções e poesias e servem de base para este trabalho. Estas histórias destacam bem como o imaginário popular invade o contexto histórico e social do cariri paraibano dando mais riqueza às histórias contadas.

1.4. POESIA POPULAR: METODOLOGIAS DE ENSINO

É bem verdade que o interior do Nordeste guarda uma rica experiência com a poesia popular oral em suas diversas modalidades. Para aqueles que viveram ou vivem, sobretudo na zona rural ou cidades interioranas e tem acesso a toda essa sabedoria popular. Na região do cariri paraibano, é comum encontrarmos algumas dessas faces culturais, tais como lendas, mitos, superstições, poesia, fé, crença, conhecimento popular, tradição, que enfim compõem o verdadeiro mosaico cultural rico em elementos que constroem a singularidade do lugar.

No contexto escolar essa experiência com a poesia popular ainda não se faz presente de forma desejável, alguns educadores sequer cogitam essa literatura de origem popular para as atividades em sala de aula mesmo estando diante de um currículo que prima pela diversidade cultural. Como exemplo disso Pinheiro (2008a, p. 16) assegura que

Se fizéssemos um levantamento sobre a presença da cultura popular e, mais especificamente, da literatura oral no currículo do ensino básico, descobriríamos que ela quase não é referida nas primeiras séries; e quando aparece é quase semanas do folclore ficando de fora o resto do ano. [...] quando há presença da cultura popular no trabalho de algumas escolas e até mesmo de secretarias de educação, muitas vezes a concepção que se tem é de resgate de algo que já tenha morrido.

No entanto, deve-se salientar para o fato de que a literatura de cordel ou a poesia popular não é algo morto, vive e de maneira muito fértil em algumas localidades do estado da Paraíba, a exemplo de Júnior Cordeiro, Francisco de Paula Almeida, em São João do Cariri; Manoel Monteiro e Jessier Quirino em Campina Grande; Maria Godelivie em Patos e tantos outros cordelistas de diferentes lugares da região Nordeste e de outras regiões do Brasil.

Atualmente essa literatura popular, composta de versos, de imagens, de revelações do modo de ser do povo, vem sendo paulatinamente descoberta e devidamente reconhecida e valorizada. São vivências humanas e artísticas que, durante séculos, estiverem ausentes dos compêndios da literatura brasileira. (Pinheiro, 2008). Nesse trabalho busca-se evidenciar uma pequena parte dessa literatura sendo vivenciada como proposta de ensino em sala de aula.

A poesia é considerada, na maioria das pesquisas, como o gênero literário menos lido por alunos (as) e professores (as)¹. O acesso ao gênero lírico se dá, quase sempre, através dos livros didáticos que utilizam a poesia de um modo bastante pragmático. Por outro lado, pesquisas realizadas em sala de aula revelam que crianças e jovens, quando colocados diante da poesia de modo mais livre, em que podem pronunciar-se, revelar seus sentimentos, suas intuições, o gosto pela poesia assume uns valores antes inimagináveis. Assim sendo, concorda-se com Bosi (1996) quando afirma que um bom leitor de poesia não nasce pronto, feito, mas se forma.

A teoria da Recepção é uma das correntes da crítica literária que tem embasado inúmeras pesquisas que se voltam para a formação do leitor de literatura. Esta teoria assegura que o texto só existe a partir da atuação do leitor, daí resulta a soberania do leitor na recepção crítica da obra de arte literária. Com a mudança do foco de investigação para a recepção, o fato literário passa a ser descrito a partir da história das sucessivas leituras por que passam as obras, as quais se realizam de um modo diferenciado através dos tempos.

Trazida para sala de aula, esta concepção coloca em foco não o ensino de um saber (historiográfico, estilístico), mas a possibilidade do confronto do leitor com o texto. Neste sentido, pode-se aplicar ao ensino a importante reflexão de Jauss quando afirma a literatura (o texto literário) “[...] é, antes, como uma *partitura* voltada para a ressonância sempre renovada da leitura, liberando o texto da matéria das palavras e conferindo-lhe existência atual” (JAUSS, 1994, p. 25).

As reflexões que articulam poesia e ensino são poucas e, de um modo mais geral, ainda não conseguiriam imprimir mudanças significativas em contexto escolar. Segundo Aguiar (2008, p. 18) “Ler ficção e poesia, por conseguinte, não é entrar num mundo mágico, irreal e alienado, mas captar a realidade mais intangível, aquela sedimentada no imaginário a partir das ingerências do cotidiano da história individual e social”.

¹ Diversas pesquisas realizadas no POSLE-UFCG revelam essa defasagem na leitura de poesia. Alguns dados podem ser encontrados nas seguintes dissertações de SOUSA (2013, p. 47) e (MARTINS, 2010).

Nesse sentido, a experiência com a poesia pode contribuir de forma satisfatória para o desenvolvimento da imaginação, da sensibilidade, da criatividade e das potencialidades linguísticas do aluno. Assim sendo, é de extrema importância uma prática de leitura significativa com a poesia para o educando.

Entretanto, quando se discute assuntos relativos à poesia e ensino, surgem questionamentos do tipo: se ela é tão fundamental, por que a escola continua usando-a de maneira inadequada? Quando a poesia se faz presente na escola é cercada pelo seguimento de metodologias que, muitas vezes, têm como causa o despreparo de professores e, por conseguinte, o trabalho inadequado com o texto poético acaba por distanciar ainda mais os alunos desta vivência poética ao invés de aproximá-los. Dessa maneira, é necessário diversificar as atividades e os recursos didáticos utilizados, para envolver o aluno no âmbito dos estudos literários.

Com a finalidade de proporcionar uma vivência com a poesia popular, as atividades escolares que propõem sua exploração devem oferecer um ambiente favorável para a leitura poética, possibilitando ao aluno sentir e experienciar seus efeitos estéticos, como o ludismo sonoro, as imagens simbólicas, a riqueza da linguagem figurada, dentre outros, através de uma relação ativa e constante com o poema. Faz-se necessário também refletir sobre a função social da poesia que segundo Eliot (1991 *apud* PINHEIRO, 2007, p.22):

Para além de qualquer intenção específica que a poesia possa ter, (...) há sempre comunicação de alguma nova experiência, ou uma nova compreensão do familiar, ou a expressão de algo que experimentamos e para o que não temos palavras – o que amplia nossa consciência ou apura nossa sensibilidade.

A experiência que o poeta nos comunica, dependendo do modo como é transmitida ou estudada, pode possibilitar (ou não) uma assimilação significativa pelo leitor. Convém destacar que muitos pesquisadores vêm apresentando propostas dinamizadoras voltadas para a leitura do texto literário. Uma delas é a de Colomer (2007) que apresenta uma proposta baseada no diálogo. Trata-se, segundo a autora da “Leitura Compartilhada”.

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades múltiplas. (COLOMER, 2007, p. 147)

Resultados apresentados por Colomer na sua obra *Andar entre livros* (2007) revelam que a falta de participação sociofamiliar e um ensino fundamentado na leitura de um *corpus* reduzido a obras legitimadas, no qual o professor monopoliza a interpretação não abraçam esta ideia de “compartilhar”. No entanto, nas palavras da pesquisadora espanhola “pode-se afirmar, cada vez com maior segurança e de maneira cada vez mais pormenorizada, que a leitura compartilhada é a base para formação de leitores” (COLOMER, 2007, p. 106).

Em meio a tantos problemas, vão surgindo reflexões, perspectivas que apontam para novas metodologias. Os documentos oficiais como as *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* (2006) e os *Referenciais Curriculares da Paraíba* (2007) são exemplos disso. Esses documentos parametrizadores de âmbito nacional e estadual revelam importantes considerações no que tange ao ensino de Literatura.

As correntes teóricas da Estética da Recepção já citadas anteriormente têm influenciado os estudos literários e contribuem na fundamentação desses documentos, que são encaminhados para os professores da Educação Básica com o objetivo de apresentar um conjunto de perspectivas que alimentam sua prática docente. Com conhecimentos mais definidos do que seja língua, linguagem, literatura, recepção, leitor, o professor terá possibilidades de um planejamento maior dos assuntos a serem trabalhados em sala de aula. As *Orientações Curriculares Nacionais* (2006) afirmam:

Quando propomos a centralidade da obra literária, não estamos descartando a importância do contexto histórico-social e cultural em que ela foi produzida, ou as particularidades de quem a produziu (até porque tudo isso faz parte da própria tessitura da linguagem), mas apenas tomando – para o ensino da Literatura – o caminho inverso: o estudo das condições de produção estaria subordinado à apreensão do discurso literário. Estamos, assim, privilegiando o contato direto com a obra, a experiência literária, e considerando a história da Literatura uma espécie de aprofundamento do estudo literário, devendo, pois, ficar reservado para a última etapa do ensino médio ou para os que pretendem continuar os estudos especializados (BRASIL, 2006, p. 76-77). 35

Aliada a essas considerações, os *Referenciais Curriculares da Paraíba* (2007), em que se encontra o componente “Conhecimentos de Literatura” apresenta sugestões metodológicas e orientações de caráter mais geral, fundamentadas numa concepção de ensino de literatura que privilegia o contato direto com as obras literárias de diferentes gêneros e épocas. “A maior exigência desta perspectiva está no fato de que estudantes e professores terão que ler as

obras de diferentes gêneros e discuti-las a partir de inquietações reais suscitadas pela leitura” (PARAÍBA, 2007, p. 81).

O referido documento sugere procedimentos metodológicos que poderão ser empregados pelos professores de Literatura nas três séries do Ensino Médio. Para a primeira e segunda série sugere o estudo de poemas, contos, crônicas, literatura de cordel e romances, numa mescla de textos de épocas diferentes e autores. Já na última série propõe abordar tópicos sobre a história da literatura brasileira, uma vez que os educandos “já treinados na leitura integral de obras e minimamente capazes de discutir aspectos formais e temáticos, poderão ter uma visão menos mecanicista de nossa história da literatura” (PARAÍBA, 2007, p. 81).

Essas perspectivas de trabalho apontadas tanto pelas *Orientações* quanto pelos *Referenciais* privilegiam a leitura das obras e o debate, favorecendo a formação de leitores mais eficientes e críticos. Nesse sentido, pensar a prática de ensino de literatura hoje pressupõe aliar uma metodologia mais dialógica, ou seja, permitir ao leitor dialogar com o texto, com os colegas e o professor sobre as questões suscitadas pelo texto.

2. NAS TRAMAS DA EXPERIÊNCIA

2.1 DESVELANDO O PERCURSO METODOLÓGICO

O caminho percorrido para a realização desta pesquisa desenvolveu-se a partir de dois momentos de investigação, a saber: um momento de apreciação teórico-metodológico e outro a pesquisa-ação. Como já exposto no primeiro capítulo, esse momento de construção teórica nos permitiu uma reflexão sobre Cultura e Educação Escolar; Pluralidade Cultural como Proposta Curricular; Cultura Popular - Imaginário Lendário e Encantado do Cariri Paraibano e ainda nos detemos a respeito da Poesia Popular e Metodologias de Ensino.

No segundo momento partimos para a pesquisa-ação, esta definida por Moreira & Caleffe (2006, p. 89-90) como “uma intervenção em pequena escala no mundo real e um exame muito de perto dos efeitos dessa intervenção”. Esse tipo de pesquisa possibilitou um maior envolvimento entre o pesquisador (a) e o grupo pesquisado, além disso, favoreceu efeitos dessa intervenção, bem como suas contribuições para o ensino, uma vez que esta pesquisa inserida no contexto educacional apresenta possíveis caminhos pedagógicos.

Por meio dessa pesquisa com abordagem qualitativa, realizamos a análise dos dados. De acordo com Minayo (2007, p. 22) “a abordagem qualitativa se aprofunda no mundo dos significados. Esse nível de realidade não é visível, precisa ser exposta e interpretada, em primeira instância, pelos próprios pesquisados”. Dessa maneira, os dados coletados foram analisados através da descrição-interpretativa das reações, percepções e valores desses alunos colaboradores da pesquisa.

A parte prática dessa pesquisa teve como *lócus* a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jornalista José Leal Ramos, da cidade de São João do Cariri – PB. Realizou-se um experimento de convivência com as canções e cordéis do compositor e cantor Júnior Cordeiro.

Figura 1: Localização geográfica da Escola Jornalista José Leal Ramos



Fonte: MORAIS, L.G.B. de L.

Os sujeitos colaboradores da pesquisa são alunos do 6º Ano do Ensino Fundamental e do 2º Ano do Ensino Médio da referida escola. Para essa etapa da pesquisa elegeu-se alguns itens como fontes de informação: diário reflexivo, as gravações em MP4, para registrar as observações efetivadas durante as aulas, bem como a Exposição Científica e Cultural realizada como culminância dessa experiência de ensino.

A coleta de dados deu-se através da participação e observação direta nas aulas de leitura com os textos de poesia popular, e foram analisados por meio da descrição e

interpretação das reações, identificações, estranhamentos, valores e percepções dos sujeitos envolvidos, sendo, portanto, tal apreciação pautada na subjetividade a eles inerente.

Ainda sobre os aspectos metodológicos adotados nessa pesquisa, convém destacar a importância de evidenciar a relação literatura ou mais precisamente a poesia popular e ensino, haja vista ter sido esta a linha de pesquisa que norteou o desenvolver deste trabalho. Tal convicção conduziu a optar pelo estabelecimento de procedimentos e estratégias de ensino que apontassem para a formação do leitor, a observância da maneira como este recepcionaria as poesias populares e os efeitos que estas causariam sobre ele, atentando constantemente para a relevância do contato efetivo do leitor com a integralidade do texto e sempre levando em conta os procedimentos que poderiam mediar suas leituras.

Segundo Bordini e Aguiar (1993, p.31) “uma obra literária se torna mais valiosa na medida em que desafia o leitor, ultrapassando as suas expectativas e previsões e, assim, contribuindo de algum modo para a sua emancipação”. A escolha do nosso objeto de pesquisa – algumas letras de músicas dos discos *Os Carrascais* (2006) e *O Lago Misterioso* (2011), bem como os folhetos de cordéis *A Briga da Cascavel com o Tejo Motorizado* (2009) e *O Fabuloso encontro de Júnior Cordeiro com a Caipora* (2011), por perceber neles este valor. Propor, então, em linhas gerais, a observar como tais textos que remetem bem ao Cariri mítico e à tradição oral do seu povo seriam recebidos por jovens leitores.

2.2. E POR FALAR EM JÚNIOR CORDEIRO

José Valni Cordeiro Lima Júnior, conhecido como Júnior Cordeiro, é cantor, compositor e cordelista paraibano. Natural de São João do Cariri – PB, desde cedo o artista teve contato com o universo dos cantadores, os mitos, as lendas, os contos populares, literatura de cordel, os violeiros repentistas e com o tempo tudo isso virou inspiração para compor e escrever seus primeiros versos.

Segundo o poeta muitas de suas influências estiveram ligadas a entes familiares, a exemplo de seu avô que era seresteiro, da sua avó apologista e admiradora de cantoria de viola, e de seu pai seguidor dos trabalhos de Luiz Gonzaga e Jackson Pandeiro. Dessa mistura nasceu o interesse de Júnior Cordeiro pela música. E ainda percorreu um longo caminho a se tornar poeta, cantor e compositor o artista hoje surpreende pela qualidade do trabalho que

desenvolve ganhando reconhecimento de artistas como Silvério Pessoa, Jorge Ribbas, Socoro Lira, entre tantos outros.

E nas palavras do poeta em entrevista (2011):

Sempre fui muito ligado à poesia, sobretudo à popular. Quando era criança ouvi e li de tudo da literatura de cordel e dos repentes magníficos dos nossos cantadores. Ficava fascinado com o realismo fantástico dos folhetos e com a acuidade poética dos violeiros. Fui começando a compor dentro desse universo do romanceiro poético nordestino e nunca mais sai dele.

As suas canções constituem um diálogo da música tradicional do Nordeste, em especial o baião com o Rock progressivo, com letras carregadas de elementos simbólicos do imaginário coletivo e do Nordeste mítico, bem como inquietações em torno da perda da identidade cultural nos dias de atuais. Faz-se necessário destacar que apesar de traços urbanos e contemporâneos, suas músicas remetem sempre às raízes do Nordeste com diversas referências as lendas e assombrações, com as quais ele teve contato direto quando criança, na cidade histórica paraibana, São João do Cariri.

As composições artísticas de Júnior Cordeiro são frequentemente comparadas aos de ícones da música nordestina, Zé Ramalho e Alceu Veloso, mas tal comparação para o artista é um pouco incomoda, pois segundo ele as semelhanças existem no tocante ao diálogo presente em ambos os trabalhos entre a tradicional música nordestina e a música pop, além da influência dos cordelistas nordestinos. Todavia, o poeta são-joanense esclarece que há uma grande diferença no estilo de compor, principalmente no que diz respeito ao contexto temático abordado.

Ainda de acordo sobre as referências de sua obra musical Júnior Cordeiro assegura em entrevista (2011):

Minhas letras são extremamente carregadas de imagens do imaginário coletivo, do Nordeste mítico, da tradição oral. Minha poesia é muito direcionada ao nordeste mágico, da herança moura e ibérica, além das críticas violentas à indústria cultural e das análises que faço sobre a coisificação do homem na pós-modernidade. Todos esses elementos que citei não são entrados na obra de Zé nem de Alceu, que viajam por outros campos temáticos.

Nota-se que suas composições poéticas incorporam influências de cordelistas e repentistas renomados. Júnior Cordeiro possui três discos gravados, a saber: *Carrascais* (2006), *O Lago Misterioso* (2011) e o recente *Capa Preta* (2013). Todos remetem a uma

peculiaridade no trabalho deste artista: o imaginário social. Em sua primeira produção musical, *Carrascais*, observa-se um enfoque na temática da absurdidade imagética das letras e nas críticas ácidas à indústria cultural, manipuladora e interessada. Já na segunda, *O Lago Misterioso*, o poeta se volta bem mais ao Nordeste mítico e a tradição oral de seu povo, fazendo também alusões à herança ibérica e moura do sertão nordestino, como também o destaque para temáticas que envolvem o realismo fantástico.

No contexto literário, Júnior Cordeiro é autor de dois folhetos de cordel. São eles: *A Briga da Cascavel com o Tejo Motorizado* (2009) e *O Fabuloso Encontro de Júnior Cordeiro com a Caipora* (2011). A sua última publicação trata-se do disco *Capa Preta*, o qual mergulha no universo da magia e da feitiçaria popular, tomando como pano de fundo o famoso livro da Capa Preta, de São Cipriano. Este álbum explora temáticas mais complexas como ocultismo e misticismo, com referências a diferentes tipos de magia, desde a antiguidade até os tempos atuais. Um dos destaques é a criação de um novo personagem: o Bruxo do Cariri Velho. Encontra-se nas letras deste disco, trechos em latim, sendo tal intertextualidade resultado de um minucioso trabalho sobre credence e religiosidade popular.

2.3. SÃO JOÃO DO CARIRI (EN) CANTA COM VERSOS DE JÚNIOR CORDEIRO

Em consonância com as diretrizes nacionais que propõe a inclusão de uma parte diversificada no currículo, como também os *Referenciais Curriculares da Paraíba* (2007) que sugerem metodologias de trabalho com o gênero lírico, incluindo como uma de suas propostas a leitura de poetas conhecido regional e localmente, foi realizada uma proposta de trabalho nas aulas da disciplina de Língua Portuguesa que consistiu numa experiência de leitura com textos oriundos da cultura popular local, com vistas um “olhar” diferente do habitual sobre o que seria o Cariri Paraibano a partir da leitura poética e musical do cantor e compositor de São João do Cariri, Júnior Cordeiro.

Antes de começar a relatar o experimento propriamente dito, temos que nos remeter a todo um percurso anterior, a preparação até que chegassem os dias de ministração das aulas. O que se tinha como proposta de ensino? Pretendia-se experienciar com os alunos a leitura literária de lendas, poesias, cordéis e canções da comunidade local. Para tanto, foi elaborada uma sequência didática a partir da produção poética de Júnior Cordeiro, bem como de uma

cartilha Eco Pedagógica, de Francisco José Pegado Abílio, que reúne algumas lendas típicas da região do semiárido.

A primeira etapa desta experiência refere-se ao planejamento integrado feito com as professoras da disciplina de Língua Portuguesa. Nesses encontros foram apontadas sugestões, discutidas as primeiras ações em relação às motivações para a vivência poética e musical, os materiais utilizados, sendo uma delas a organização de uma coletânea com as canções do artista local, bem como o cronograma a ser cumprido (duração de um Bimestre).

Nesse sentido, as oficinas trabalhadas tiveram como objetivo primordial despertar o uso da imaginação simbólica nos (as) alunos (as) através das lendas, dos cordéis e das canções sugeridas, tendo em vista conhecer as histórias, as tradições, as manifestações culturais e os hábitos locais contribuindo para construção da própria identidade, além disso, contribuir para o desenvolvimento da habilidade de expressão estética e crítica.

A proposta era demonstrar e entender o Cariri Paraibano de um modo específico, como um verdadeiro mosaico cultural, composto por diversos elementos e aspectos que constitui o semiárido. Dessa maneira, as atividades desenvolvidas pelas professoras de Língua Portuguesa orientavam os (as) educandos (as) a correlacionar de forma didática todo legado cultural do semiárido, especificamente do Cariri, com os elementos contidos nas letras das músicas e poesias do artista sãojoenense que expressa em sua arte a preocupação para com a preservação e valorização dos elementos culturais e tradicionais do Cariri Paraibano.

A partir dessa vivência musical e poética em sala de aula, serão relatadas as aulas desta experiência de leitura de acordo com alguns eixos temáticos que revela todo um legado cultural do Cariri Paraibano: *I – O Imaginário Mítico e Encantado do Cariri Paraibano; II – Fé e Crença: a Religiosidade do Caririzeiro; III – Conhecimento Popular e IV – Literatura de Cordel.*

2.3.1. O Imaginário Lendário e Encantado do Cariri Paraibano

Com base nos pressupostos de um ensino democrático e inclusivo, que respeita a diferença, foi realizada com as turmas envolvidas uma atividade de motivação para introduzir a proposta de leitura, a qual consistiu numa conversa com os (as) alunos (as), para tanto se organizou um semicírculo e criou-se um clima propício para o diálogo, no qual eles (as) foram questionados se conheciam as lendas, se já ouviram falar, em especial as da região do

semiárido. O alunado de imediato respondeu que conheciam, citaram e recontaram aquelas presentes na literatura nacional, tais como: *Vitória Régia*, *a Iara*, *Boitatá*, *o Saci*, *a Cuca*, dentre outras.

Após a socialização de tais lendas, os (as) alunos foram mais uma vez questionados (as) acerca do conhecimento de histórias lendárias vivenciadas na sua localidade, contadas por algum ente familiar, da comunidade ou por eles vislumbrados. Foi então que começaram a destacar algumas: *a Comadre Florzinha*, *o Caminhão do Batuque*, *a Tocha* e *a Botija*. Solicitou-se que fizessem o reconto dessas narrativas, as quais eram compartilhadas com muita interação e com certo temor, pois na opinião deles são seres e fatos assustadores.

Houve relatos de avós, de pais, de tios e até dos próprios alunos (as) que disseram já terem presenciado alguns sinais que prenunciavam a presença desses fatos e personagens lendários. A lenda da *Comadre Florzinha* foi a mais referenciada, segundo eles, trata-se de uma mulher fantástica e misteriosa que vive na mata, sempre pronta a defender animais e plantas contra as investidas dos caçadores. Nesse momento, observou-se uma participação assídua do alunado, pois cada um deles dizia um detalhe para caracterizá-la.

Em resumo, afirmaram que ela é conhecida como *Comadre Florzinha*, sendo definida como espírito de uma cabocla de estatura baixa, com olhos de fogo e longos cabelos negros, que lhe cobrem o corpo, consegue desaparecer sem deixar rastro e adora fazer tranças na cauda dos cavalos, sendo os nós tão fortes que ninguém consegue desatá-los, a não ser ela, se for agradada com fumo. E como protetora da mata, desorienta os caçadores com seus assobios fazendo-os ficarem perdidos. Dada essa virtude, muitos temem sua presença e com forma de agradá-la os caçadores costumam levar alguns “mimos” para ela como fumo e mingau.

Cabe destacar que durante os relatos feitos, alguns alunos chegaram a questionar a existência real das manifestações que ali estavam sendo compartilhadas, gerando, assim, um instigante debate. Na oportunidade foi explicitado o conceito de lendas como sendo narrativas transmitidas oralmente pelas pessoas para explicar acontecimentos misteriosos e sobrenaturais, envolvendo nesse processo uma mistura de fatos reais com imaginários. E ainda ressaltou-se que as lendas vão sendo contadas ao longo do tempo e modificadas através da imaginação do povo.

Vale dizer que alguns alunos, sobretudo aqueles pertencentes à zona rural, não apreenderam bem tal conceito e continuaram afirmando a existência real de tais histórias, o

que revela que o imaginário simbólico desse grupo de alunos seja mais “vivo” e representativo, uma vez que esses fenômenos costumam acontecer em ambientes campestres fazendo, assim, parte da sua realidade cultural.

É importante enfatizar que essa riqueza de simbologia do imaginário pode estar relacionada também ao fato de que São João do Cariri por ser uma cidade histórica, mais precisamente uma das primeiras vilas da Paraíba carrega consigo marcas dessa tradição oral. Nas histórias contadas e passadas de geração em geração aos filhos da cidade figuram lendas e mitos locais, contos de assombrações do casario antigo, histórias de botijas enterradas e almas penadas. Além disso, compõe o imaginário coletivo dessa cidade uma herança religiosa muito marcante que remete ao catolicismo rústico e popular, denotando a presença de rezadoras e benzedoras, aflorada ainda mais durante sua festa de padroeira.

Após esse momento de socialização do relato das lendas que configuram o cenário local, o qual contou com uma mediação que fazia questionamentos aos alunos, deixando-os atuarem como protagonistas de suas leituras, bem como complementava com informes necessários ao aprimoramento da discussão. Um deles foi o destaque para o modo como essas histórias com entes fantásticos vão ao longo do tempo sendo repassadas oralmente e modificadas de acordo com a interpretação daqueles que a propagam.

Como forma de sistematizar um pouco os relatos feitos acerca das lendas já citadas, como também apresentar a importância do registro escrito das mesmas planejou-se a leitura de uma Cartilha Eco Pedagógica, intitulada “*As pelejas de Mané Catingueira nas Terras do Alagamar*”, de Francisco José Pegado Abílio, a qual reúne algumas lendas típicas da região do Cariri. Esse material faz parte do acervo da escola e foi um dos resultados de um projeto maior desenvolvido na escola Jornalista José Leal Ramos por alguns professores e alunos da Universidade Federal de João Pessoa – UFPB sobre Educação Ambiental e Formação de Professores, que em parceria com a comunidade escolar pesquisaram as lendas e tiveram a iniciativa de registrar na linguagem escrita as mais conhecidas por meio da organização dessa Cartilha.

Esse momento literário aconteceu no espaço da Biblioteca, onde foram realizadas rodas de leitura, tendo como objeto de estudo a referida Cartilha Educativa. Esta apresenta histórias fantásticas baseada nos relatos de membros da comunidade local e são expressas através dos gêneros: roteiro teatral, cordéis, poesias e ainda conta com desenhos que ilustram a Cartilha, de autoria do aluno João Paulo da Silva Queiroz.

Selecionou-se para leitura oral e compartilhada o terceiro Ato “O Zabumbeiro do Alagamar”; o quarto Ato “Os mitos da Fazenda Arara”; o quinto Ato “Comadre Florzinha – a protetora da Caatinga” e o sexto Ato “Arrancando a Botija”. Pode-se afirmar que foi um momento de leitura prazerosa, pois os alunos demonstravam estarem à vontade com essa literatura popular, também se percebeu um encontro e uma troca de experiências vivenciadas em tais histórias e, além disso, contribuindo para o desenvolvimento da oralidade e principalmente para a valorização dessa cultura caririzeira.

A perspectiva adotada neste trabalho está em conformidade com PCNs (BRASIL, 2002, p. 145) que propõe que a literatura deve “recuperar, pelo estudo do texto literário, as formas instituídas de construção do imaginário coletivo, o patrimônio representativo da cultura”. E pautada nessa concepção mais uma experiência de leitura foi realizada, desta vez com as letras de músicas de Júnior Cordeiro. Para tanto, organizou uma coletânea com as canções que fazem alusão a todo esse imaginário cultural e lendário do Cariri Paraibano.

Nas trilhas da diversidade cultural e por meio de uma linguagem poética e musical, foram selecionadas três canções para leitura em sala de aula. São elas: “O Beijo da Caipora”; “A tocha” e “A Botija do Capitão-mor”.

A experiência com as letras de músicas de Júnior Cordeiro suscitou leituras significativas. Primeiramente, foi entregue a coletânea para leitura silenciosa, logo em solicitou-se que algum (a) aluno (a) fizesse uma leitura oral e expressiva da canção *Beijo da Caipora*, mas antes disso foi perguntado ao alunado se conheciam a letra, o artista, quais eram as primeiras impressões. Os alunos disseram que, mesmo se tratando de um cantor local, não conheciam a letra, o título da canção era sugestivo e a letra definia bem quem era e o que fazia a Caipora ou mais conhecida como *Comadre Florzinha*. Ficaram então curiosos para ouvirem a canção, que foi apreciada na sequência em áudio. Eis a letra:

BEIJO DA CAIPORA

Rodando num redemoinho veio me assombrar
Anarquizando me avisava pra não mais caçar
Seus longos cabelos voando, arrastando no chão
A Dona Maria Florzinha de urtiga na mão

Cabocla dos olhos de fogo, corpo de anão
Fumando e dançando no mato, na escuridão
Fez trancinhas nos meus cabelos quando se sentou
Mostrou seu fino assobio, depois me beijou

E triste me desabafou
Que há muito não vivia mais
Que em tempos insanos assim
O homem não olha pra trás

Chorando a Caipora se foi
Montada num Boitatá
Habita nas profundezas
Da mente de quem a chamar.

COMPOSITOR. O Beijo da Caipora. Intérprete: Cordeiro, J. In: CORDEIRO, J. O Lago Misterioso. Campina Grande: Art Mix, p2010. 1 CD. Faixa 06.

As primeiras manifestações acerca da composição de Júnior Cordeiro foram de apreço: “Gostei do ritmo das canções”; “Os versos são bem convidativos e reflexivos”; “Observa-se um clamor da Caipora”. Os (as) alunos (as) justificaram seus posicionamentos com alguns versos. E aproveitando a situação levantamos os seguintes questionamentos: “Que clamor seria esse”? “Qual a razão desse lamento?”.

As respostas do alunado evidenciavam o conteúdo sugerido na letra, um diálogo da Caipora com o eu lírico, no qual ela desaba sobre sua situação nos dias atuais, que anda esquecida e para que continue “viva” é necessário que as pessoas valorizem a tradição oral para que se perpetue essa riqueza de natureza imagética e cultural. Observou-se que a turma teve boa impressão da letra, e ainda destacaram a maneira criativa como foi caracterizada a *Comadre Florzinha*, tanto do ponto de vista físico quanto do ponto de vista comportamental, com destaque para esse último que na canção ganha uma conotação mais suave, transformando essa personagem lendária numa figura menos assustadora e mais amiga.

Depois desse momento de vivência literária e musical, sugeriu-se uma atividade de produção, solicitando que transformassem os versos da canção *Beijo da Caipora* em desenhos, ou seja, produzissem uma criativa ilustração. Os (as) educandos (as) começaram então a produzir e durante a realização da atividade a professora esteve sempre disponível para as orientações.

Dado o resultado significativo desta atividade, foram reunidas as produções (ilustrações da canção) e juntamente com os (as) alunos (as) organizou-se um mural, tendo em vista ser apresentado na Exposição Científica e Cultural da EEEFM Jornalista José Leal Ramos, a qual trazia naquele ano a seguinte temática “Experiências educativas voltadas para sustentabilidade no Semiárido: as várias faces da Caatinga”.

Figura 2: Folder da VI Exposição Científica e Cultural da Escola Jornalista José Leal Ramos

Tendo em vista um esforço coletivo em prol da abordagem da temática Semiárido no contexto escolar, a EEEFM Jornalista José Leal Ramos vem, através de seu corpo docente, discente e administrativo, convidar a todos a participarem da VI Exposição Científica e Cultural.

O tema trabalhado para esta Exposição, o Semiárido, visa desenvolver entre professores e alunos um campo de discussão acerca dos aspectos físico-ambientais e culturais do espaço de vivência de cada envolvido no processo de ensino e aprendizado, bem como da população em geral que, habitando o campo ou a cidade, estão inseridos em meio a uma realidade marcada pelas intempéries climáticas e por uma realidade social que muitas vezes inspiram debates mais aprofundados por parte dos órgãos de ensino e pesquisa.

Sabe-se, no entanto, que trabalhar estas problemáticas de ordem regional e local é assumir um desafio que está intrínseco a compreensão e reflexão de formas de enfrentamento. Portanto, os trabalhos realizados suscitam despertar a atenção dos participantes para formas de convivência harmoniosas com o Semiárido.

REALIZAÇÃO
E.E.E.F.M.J. JOSÉ LEAL RAMOS

GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA

E.E.E.F.M. JORNALISTA JOSÉ LEAL RAMOS

PROJETO PELD/CNPq - Bioma Caatinga: estrutura e funcionamento

GEPEAPB

PEQUISAS ECOLÓGICAS DE LONGA DURAÇÃO

VI EXPOSIÇÃO CIENTÍFICA E CULTURAL DA E.E.E.F.M. JOSÉ LEAL RAMOS

Tema:
"Experiências educativas voltadas a sustentabilidade no Semiárido: as várias faces da Caatinga"

Dia 23 de Novembro de 2012
(Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jornalista José Leal Ramos)

Fonte: EEEFM Jornalista José Leal Ramos (Novembro/2012)

Figura 3: Apresentação do Imaginário Lendário e Encantado do Cariri Paraibano



Fonte: OLIVEIRA, P.C.A de. (dezembro/2013)

A segunda canção da coletânea intitulada *A Botija do Capitão* resultou também em mais uma significativa experiência de leitura. Adotando o mesmo procedimento metodológico questionou-se antes da leitura e análise da letra “O que esperavam encontrar na canção?”

como forma de motivar os discentes a pensarem, imaginarem e até quem sabe já irem correlacionando com a lenda que já haviam sido relatadas por eles mesmos nas aulas anteriores. As respostas dos (as) alunos (as) eram correspondentes às expectativas, pois os mesmos afirmaram que a referida letra deveria tratar das antigas histórias que falam de botijas enterradas, inclusive ressaltaram que a figura do capitão-mor presente no título confirma ainda mais tal hipótese. Observe a seguir o registro da canção que foi apreciada pela turma em áudio:

A BOTIJA DO CAPITÃO-MOR

Um matuto um dia me falou
Do tesouro de um capitão-mor
No meu sonho era maior
No meu sonho era maior...

Nos escombros de um velho fogão
Um buraco fundo a cavar
Eu sonhei, estava lá
Qualquer dia vou buscar...

Capitão me guiou pela mata (estava lá...)
Numa casa, num ermo sombrio (estava lá...)
Na memória de um povo valente (estava lá...)
Nas manobras do inconsciente (estava lá...)

COMPOSITOR. A botija do capitão-mor. Intérprete: Cordeiro, J. In: CORDEIRO, J. O Lago Misterioso. Campina Grande: Art Mix, p2010. 1 CD. Faixa 04.

O alunado ficou bem entusiasmado com a audição da canção e diante da recepção e impressão deles, iniciou-se a discussão dos elementos do imaginário social contido na letra e do seu expressivo diálogo intertextual com umas das lendas mais famosas do Cariri *A Botija*. Nesse momento, alguns alunos relataram na integra algumas histórias de botijas enterradas que já tinham ouvido falar.

Conforme os depoimentos dos discentes, as botijas são baús ou potes enterrados guardando tesouros. Reza a lenda que as botijas são amaldiçoadas e que ao tentar desenterrá-las veem-se assombrações. Dizem os mais velhos esse tesouro é dado pela alma do dono que o enterrou revelando a localização da botija através de sonhos, sinais e aparições, para que assim possa descansar em paz. Quem consegue a façanha de desenterrar uma botija deve mudar de cidade e fazer muita caridade, pois só assim será feliz.

Após essa socialização, indagou-se mais uma vez sobre qual seria relação dessa lenda com a canção *A Botija do Capitão-Mor*, essa estratégia de mediação fazia com que eles descobrissem sentidos nas composições a partir da observação de referências entre ambos os textos, a exemplo do tesouro do capitão, do lugar onde era guardado e/ou enterrado e do sonho, os quais eram destacados e analisados verso a verso.

Em meio à discussão, surgiu um posicionamento de um aluno “Poderíamos dizer que esta lenda é real” e justificou dizendo que antigamente não se tinha bancos, logo essa era uma forma encontrada “uma espécie de cofre” para guardar os bens da família. Mediante tal colocação foi explicitado mais uma vez o conceito de lendas, o qual define como sendo uma narrativa que agrega acontecimentos reais (o baú com tesouro enterrado) com o imaginário (o sonho), podendo, assim, ser atribuído esse sentido.

Mais uma canção de Júnior Cordeiro que foi trabalhada objetivando perceber elementos do imaginário coletivo do Cariri Paraibano foi *A Tocha*, que é homônima a letra da sua canção. Conforme apresentada abaixo:

A TOCHA

Ei menino! espie a tocha,
Repare a tocha
Não deixe a tocha apagar
Ei rapaz! Venere a tocha,
Contemple a tocha
Que está para se apagar

E não é fogo-fátuo
É coisa doutro mundo
E o fogo assombra tudo
Olha lá!

A alma boa que carrega o fogo
Nos mostra o céu
Clareia a estrada torta do mundo
E o meu caminhar

A centelha de luz desse chama
É da cor do sol
E os fantoches cruéis desse mundo
Querem apagar.

COMPOSITOR. A Tocha. Intérprete: Cordeiro, J. In: CORDEIRO, J. O Lago Misterioso. Campina Grande: Art Mix, p2010. 1 CD. Faixa 08.

A partir da audição da canção *A Tocha*, que foi bem recepcionada pela turma, promoveu-se uma discussão acerca dos elementos intertextuais da letra com a lenda, alguns alunos destacaram que a descrição é semelhante à história contada, pois a mesma apresenta essa “luz misteriosa” que costuma aparecer e desaparecer durante a noite sem deixar vestígios em cima de árvores, assustando os moradores. Questionou-se o porquê da denominação tocha, eles responderam que as pessoas que veem esse fenômeno dizem tratar-se de fogo com chamas azuladas e/ou amarelado-alaranjadas como bem poetizadas nos versos da canção “*A centelha de luz desse chama / É da cor do sol*”.

É interessante destacar que essa foi uma das lendas citadas que teve alguns relatos dos alunos afirmando que não só ouviram falar, mas chegaram também a ver, esses depoimentos instigaram o imaginário da turma e fez com que quisessem saber ainda mais detalhes sobre a mesma. Quando indagados sobre o comentário dos versos da letra, uma aluna destacou que achou bonita a primeira estrofe, porque apela para que todos (as) espiem, venerem e não apaguem a tal tocha. E aproveitando o seu posicionamento perguntou-se o porquê será desse pedido convite. Após pensarem um pouco, um aluno disse que se as pessoas deixarem tal luz apagar não existirá mais a lenda da *Tocha*.

E foi acrescentada ainda a colocação do aluno a alusão dos versos “*E não é fogo-fátuo / É coisa doutro mundo*” na canção, os alunos então logo quiseram saber o que significava a expressão fogo-fátuo. A partir disso, explicou-se que segundo pesquisas de cientistas esse fogo esquisito está ligado à decomposição dos corpos de seres vivos. Nesse processo, as bactérias que metabolizam a matéria orgânica produzem gases que entram em combustão espontânea em contato com o ar.

Com tudo isso, não é de se espantar que esse fato alimentasse e continuam alimentando lendas. Mas mesmo diante desta explicação científica, alguns alunos disseram que preferiam concordar com os versos da letra de Júnior Cordeiro que *A Tocha* seria coisa doutro mundo, o que evidencia uma iniciativa de valorização da tradição oral tal qual é defendida na letra em análise em oposição aos valores ditos modernos, que são segundo a composição musical são os fantoches cruéis desse mundo e tem a pretensão de esquecer essa expressiva riqueza do imaginário coletivo.

2.3.2. Fé e Crença: a Religiosidade do Caririzeiro

Outra manifestação cultural que se faz presente nesse cenário do Cariri é a religiosidade. E para desvendar mais um dos (en) cantos culturais do povo caririzeiro foi proposto para a turma mais uma leitura de canção, desta vez intitulada *Mater Dei*, nela Júnior Cordeiro canta sentimentos, símbolos dessa fé e crença do imaginário do homem religioso do Cariri Paraibano. Eis a expressiva composição:

MATER DEI

Theótokus
Véus a voar
Bailando o sol
Vem avisar

Choro de dor
Desceu do céu
Feixe de luz
Terna e fiel

Ad Coeli Reginam
Vem no clarão da manhã
Hoje eu já me debrucei
No colo de *Mater Dei*.

COMPOSITOR. Mater Dei. Intérprete: Cordeiro, J. In: CORDEIRO, J. O Lago Misterioso. Campina Grande: Art Mix, p2010. 1 CD. Faixa 16.

Após a apreciação musical a turma já mencionou suas primeiras impressões: “É uma canção muito bela e solene”; “Expressa muita adoração a Maria”; “Lembra a nossa festa de Padroeira”. E em seguida, questionaram o significado de algumas expressões presentes na letra que pertencem a outros idiomas. Ressaltou-se então que o primeiro dogma *Theótokus* é um título grego de “Maria” e com tradução menos literal também denominado “Mãe de Deus”, já outras duas *Ad Coeli Reginam* e *Mater Dei* de origem latina com os respectivos significados “Rainha do Céu” e “Mãe de Deus”.

A socialização da leitura dessa letra oportunizou também uma discussão acerca da grande e simbólica manifestação religiosa que se configura como principal cartão postal do município, tendo em vista a mesma ter sido construída em homenagem a Santa Nossa Senhora dos Milagres, que além de ser a padroeira da cidade é também considerada a

padroeira do Cariri paraibano, isso advém pelo fato de que no passado o município de São João do Cariri mantinha sobre sua égide quase toda porção territorial da região do Cariri.

De acordo com Moraes; Silva e Almeida (2013, p. 544):

Em se tratando de crença, o caririzeiro possui grandes manifestações, principalmente no que diz respeito aos aspectos religiosos. A Festa de Nossa Senhora dos Milagres, grande manifestação religiosa do Cariri paraibano, tem como momento principal a procissão em homenagem a Nossa Senhora dos Milagres, padroeira do município e da região do Cariri. Este momento é sem dúvida o maior acontecimento turístico do espaço urbano do município de São João do Cariri.

Percebe-se enquanto riqueza cultural que a presença religiosa na cidade se define mais explicitamente por meio dessa festa secular em homenagem a Virgem dos Milagres como é conhecida, a qual é realizada anualmente no mês de setembro. Tal evento além do caráter festivo é, sobretudo, o meio de divulgação da cidade, em outras palavras, é por onde ela principalmente se comunica. Eis alguns registros dessa celebridade:

Figura 4: Procissão da festa de Padroeira de Nossa Senhora dos Milagres



Fonte: Blog De Olho no Cariri (setembro/2013)

Além da importância para a religiosidade dos fiéis, essa grandiosa festa simboliza um notável Patrimônio Cultural para o município. Todos os anos esta festividade é encerrada com uma esplêndida procissão, que aguarda aproximadamente 20 mil devotos vindos de várias regiões do país.

A partir desse legado, apresentou-se como proposta para o grupo de alunos reunirem alguns símbolos religiosos que expressam o culto e a devoção a essas divindades sagradas para Exposição Científica e Cultural da escola e, por conseguinte, foi organizada uma Exposição com os seguintes símbolos: altar, rosário, terço, imagens de santos, velas no pires, jarros de flores, cruz, crucifixo, painel com a ilustração da Igreja, bem como coma as letras de músicas de Júnior Cordeiro. Conforme registro abaixo:

Figura 5: Apresentação de símbolos de crenças religiosas do Cariri



Fonte: OLIVEIRA, P.C.A de. (dezembro/2013)

2.3.3. Conhecimento Popular

Entre as características do povo nordestino, destacam-se as formas de conhecimento criados a partir das experiências, “os jeitinhos” dados pelas pessoas para resolverem seus problemas no dia a dia. Estes problemas podem ser de vários tipos, entre eles os relacionados à cura de doenças são os principais. Muitas vezes sem a opção e sem condições para conseguirem remédios e outras condições de tratamento médico, as pessoas do Cariri

Paraibano de um modo geral desenvolviam formas de remédios para solucionarem os seus males.

Algumas pessoas se destacavam entre os demais pelo fato de possuírem maiores conhecimentos e domínio sobre as formulas de remédios e outros tratamentos medicinais, sendo reconhecidos como verdadeiros “curandeiros”, típicos “médicos” populares. A figura do “homem da cobra” ilustrada na canção de Júnior Cordeiro exemplifica isso, sendo esta mais uma das contempladas para leitura, audição e discussão compartilhada em sala de aula.

O HOMEM DA COBRA

Eu não tenho nome, sou homem da cobra
Eu não tenho idade, sou homem da cobra
Se chegue comadre, me preste atenção
Sou fala bonita, conversa esticada
Pra reumatismo, pra dor desviada
Pra tuas moléstias, eu dou solução

Eu vivo a andar no oco do mundo
Morando nas feiras do oco do mundo
Conheço lugares na palma da mão
Conheço as ervas pra teu mau-olhado
Eu curo enxaqueca, sou corpo fechado
Óleo milagroso! te cura a visão

Você que não me vê, pois sou do povo
A estrada em que eu andei tornou-se um vão
Nos ventos desse tempo fiquei mudo
E tanto que eu falava, hoje, mais não.

COMPOSITOR. Homem da Cobra. Intérprete: Cordeiro, J. In: CORDEIRO, J. O Lago Misterioso. Campina Grande: Art Mix, p2010. 1 CD. Faixa 10.

As impressões dos (as) alunos (as) revelavam que a cada nova leitura das canções que compunham a coletânea, os mesmo estavam aprimorando um pouco suas interpretações, pode-se afirmar até que eles pareciam estar identificados com a realidade, o cenário, os hábitos e costumes (en) cantados por Júnior Cordeiro. Em meio à discussão da letra, alguns alunos diziam que ainda existiam pessoas com algumas dessas virtudes de curandeiros na comunidade e, inclusive citaram o nome de mulheres e homens que rezavam, faziam medicamentos.

Para fomentar ainda mais as reflexões questionou-se a origem e o uso desses medicamentos e obtiveram-se as seguintes respostas da turma: “Geralmente estes

“medicamentos” populares são feitos a partir de plantas, ervas.”; “Alguns usam raspas ou cascas de madeiras, como a do cajueiro.”; “Fazem garrafadas”. Mediante as colocações, ressaltou que tudo isso é resultado do aproveitamento de matérias primas encontradas no cotidiano das pessoas, principalmente de plantas regionais, usando “rapas” ou “cascas” de madeiras como, casca de *cumarú*, de *cajueiro* entre outras que servem para produção das “garrafadas”.

Alguns alunos complementaram dizendo que ainda é comum “os lambedores” que são feitos à base de ervas ou “folhas” como: folhas de saião, hortelã da folha miúda, chá de todos os tipos, desde erva-cidreira, boldo, capim santo entre tantos outros sabores e tipos que são utilizados como medicamentos capazes de solucionarem os diferentes problemas de saúde do caririzeiro.

Indagados sobre essa sabedoria popular representado pela figura do “homem cobra”, os alunos disseram que ele como também outras pessoas sabem como solucionar com seus medicamentos naturais algumas doenças que afligem a população. E completando a visão desses alunos explicitou-se que tal sujeito possui um amplo conhecimento popular sobre diversos problemas e moléstias que atacam as pessoas.

Nesse sentido, o homem da cobra sempre vive perto da realidade do povo, perambulando pelas ruas das cidades, feiras e casas das pessoas oferecendo os seus serviços a quem necessitar. Com remédios e, às vezes, rezas e orações, o homem da cobra tem a “cura” para quase tudo na vida do caririzeiro, é espinhela caída, dor de cabeça, dor de barriga, pipoca roxa, tosse e etc.

Essa letra representa mais um símbolo da cultura do Cariri Paraibano, enfatizando pela virtuosa personalidade do homem da cobra e seus conhecimentos que, apesar da influência da modernidade, ainda se fazem presente na mente e nos costumes do povo, sendo um dos elementos da cultura popular, se reproduzindo entre as pessoas, até por que, quem nunca tomou um chá, um mel ou recebeu uma dica de remédio de algum remédio ensinado pelo homem da cobra?

Na Exposição Científica e Cultura já referenciada neste trabalho, foram selecionados e organizados em forma de exposição alguns dessas ervas, elementos e recursos usados por tais pessoas possuidoras desses conhecimentos, os quais são advindos da tradição e sabedoria popular, configurando, assim, mais um aspecto que compõe o legado cultural do Cariri Paraibano. Veja os registros dessa importante demonstração cultural:

Figura 6: Apresentação dos elementos da sabedoria popular



Fonte: OLIVEIRA, P.C.A de. (dezembro/2013)

2.3.4 Literatura de Cordel

Após a convivência com as letras de músicas de Júnior Cordeiro em sala de aula, as quais possibilitaram um (re) conhecimento de todo imaginário lendário e cultural do Cariri, planejou-se mais nova experiência de leitura, desta vez com a Poesia Popular, especificamente com os cordéis de Júnior Cordeiro.

Sabe-se que o cordel é um gênero da tradição oral que encanta muitos leitores, dada suas especificidades estéticas, tais como rimas, sonoridades, narrativas temáticas, que propicia uma leitura não somente como deleite, mas, principalmente, como uma leitura que contribui para uma formação humana de quem o vivencie. Com base nisso, buscou-se uma metodologia que envolvesse os (as) educandos (as) com os folhetos, dessa maneira, priorizou-se a leitura oral dos folhetos que é indispensável para o trabalho com o cordel (MARINHO; PINHEIRO, 2012).

Iniciou-se a aula explicitando que a próxima experiência de leitura seria com o cordel, acompanhada de alguns questionamentos: “Sabem o que é cordel?”; “Já leram cordéis?”; “Falam sobre o quê?”; “Será que existe cordelistas em nossa cidade?”. Diante dessas indagações os alunos responderam com respostas afirmativas e negativas. Foi então que se aproveitou tal momento para realizar uma leitura oral e expressiva de *O que é Literatura de Cordel* em forma de versos de autoria de Francisco Diniz. A seguir algumas estrofes dessa poesia:

Literatura de Cordel
É poesia popular,
É história contada em versos
Em estrofes a rimar,
Escrita em papel comum
Feita pra ler ou cantar.

A capa é em xilogravura,
Trabalho de artesão,
Que esculpe em madeira
Um desenho com ponção
Preparando a matriz
Pra fazer reprodução.
[...]
Os folhetos de cordel,
Nas feiras eram vendidos,
Pendurados num cordão
Falando do acontecido,
De amor, luta e mistério,
De fé e do desassistido. [...]

Após esse momento inicial, destacou-se para turma que a cidade de São João do Cariri é agraciada com alguns poetas que cantam em seus versos aspectos da localidade, a saber, a tradição, a cultura, a linguagem, a fé, os mitos e as lendas, a poesia, dentre outros. Exemplificaram-se alguns representantes: Inácio Francisco Almeida, Francisco de Paula Almeida, Lêda Cantalice de Medeiros, José Malaquias e Júnior Cordeiro.

No momento da leitura a turma foi organizada em semicírculo, a fim de criar um ambiente mais propício a leitura literária. Depois disso, foi entregue para turma dois folhetos de cordéis de Júnior Cordeiros, ambos exploram o elemento fantástico. Antes da leitura solicitou-se que observassem a capa, a xilogravura e comentou-se que aqueles aspectos eram peculiares da Literatura de Cordel, questionou-se também o que achavam do título dos cordéis e o que eles imaginavam que iria tratar aqueles cordéis e suas possíveis relações com as ilustrações.

E após ouvir as impressões dos alunos, partiu-se para leitura do primeiro folheto de cordel *A Briga da Cascavel com o Tejo Motorizado*, o qual foi lido em forma de leitura jogralizada a começar pela professora que leu a primeira estrofe, tendo em vista que a mesma conhecia o texto e poderia realizá-la com maior qualidade e na sequência os (as) alunos (as) leram as demais. Percebeu-se que os alunos ficaram bastante envolvidos com a leitura e também com sua participação na mesma, a qual foi acompanhada de atenção e, às vezes, por risos de algumas estrofes.

Em meio a discussão do cordel, os alunos disseram que tal cordel tratava-se de uma luta entre a Cascavel e o Tejo, sendo o primeiro representado pela tradição e o segundo pela modernidade e concluíram afirmando que era comparação muito criativa, uma luta sugestiva. E ainda complementando essas interpretações da turma explicitou-se que o referido folheto apresenta uma metáfora da coisificação do homem nesse contexto de pós-modernidade. A perda valores tradicionais e culturais é um exemplo disso e está representado nesse enredo poético por meio de um combate personificado entre dois animais: a Cascavel, aqui, caçadora da purificação e o Tejo, que influenciado por esse processo de urbanização, perdeu seu equilíbrio existencial.

Para a leitura do segundo folheto *O Fabuloso Encontro de Júnior Cordeiro com a Caipora* (2011) repetiu-se a mesma metodologia, leitura oral expressiva em forma de jogral, a fim de que os (as) alunos (as) pudessem compartilhar mais um cordel de Júnior Cordeiro. E também segundo Colomer (2007, p.44), “as atividades de compartilhar são as que melhor respondem ao propósito de formar o gosto pela leitura literária”. Vale dizer que o título desse cordel despertou muita atenção da turma, uma vez que dizia trata-se de um encontro com a personagem lendária mais conhecida do Cariri, “Comadre Florzinha”.

O cordel traz a cena o imaginário do caririzeiro, mas especificamente a lenda da “Comadre Florzinha” e num tom bem humorístico Júnior Cordeiro conversa com essa personagem mítica da região do Cariri. E para sentir então um pouco desse realismo fantástico, que vem carregado de reflexão acerca do esquecimento dos mitos, os (as) alunos recitaram algumas estrofes do simpático diálogo entre o poeta são-joanense e a “Comadre Florzinha” para a comunidade local na referida Exposição conforme registros abaixo:

Figura 7: Apresentação dos cordéis de Júnior Cordeiro



Fonte: OLIVEIRA, P.C.A de. (dezembro/2013)

- MF – Eu já sabia que vinhas
Aqui pra me procurar
Eu pressenti quando vi
Você na mata entrar
Eu leio a mente dos homens
Que adentram nesse lugar
- JC – De fato Dona Florzinha
Nessa pós-modernidade
Sem barreiras, nem culturas
É o fim da oralidade
Mas eu gosto da senhora
Falo com sinceridade
- JC – Pois é, amiga Maria
Eu sempre tive vontade
De te encontrar nas caatingas
Pra ver se era verdade
Das histórias que se contam
Lá pras bandas da cidade
- MF – Meu caro Júnior Cordeiro
São muitos alienados
Pra conservar nossos mitos
Trazendo bons resultados
Só tem você, meu amigo
E outros gatos pingados
- MF – Então agora já sabes
Da minha triste existência
Vivo por aqui sozinha
No mundo atual é dura
A minha sobrevivência
- JC – Mas Maria, tenha fé
Não fique tão desolada
Vou procurar unir forças
Com minha rapaziada
Pra que a nossa tradição
Seja sempre bem guardada
[...]
- JC – Desabafe caiporinha
Tomes mais uma e me diga
Nessa globalização
O que ofende à amiga?
Você se queixa de que?
Não se encabule, prossiga.
- MF – Se é assim tudo bem
Podes sim me ajudar
Continuar existindo
No imaginário do povo
Na lembrança do popular
- MF – Hoje ninguém tem mais tempo
Pra falar de assombração
Não sabem nem o que é mito
Odeiam a tradição
Só pensam em internet
No mundo da informação
- JC – Mas ainda continuas
Lembrada por muita gente
Apesar desse vazio
Que paira de mente em mente
Tens o teu lugar guardado
Nas curvas do inconsciente

CORDEIRO, J. O fabuloso encontro de Júnior Cordeiro com a Caipora. 1. Ed. Campina Grande, PB, 2011, 15p.

Faz-se necessário ressaltar, que esses dois sugestivos cordéis de Júnior Cordeiro que foram abordados em sala de aula, bem como apresentados na Exposição Científica e Cultural da escola já foram contemplados pelo Ministério da Cultura e pelo Prêmio Patativa do Assaré.

Portanto, tal reconhecimento é motivo de orgulho para o município de São João do Cariri, ter um artista da terra que expressa e (en) canta em seus versos o Cariri Paraibano numa perspectiva cultural.

Para demonstrar um pouco desse reconhecimento da cultura local foi realizado além da experiência de leitura com as letras de músicas e os cordéis de Júnior Cordeiro em sala de aula, um trabalho de exposição, no qual a professora de Língua Portuguesa orientou o grupo de alunos a retratar e correlacionar de forma didática todo esse legado cultural, sobretudo o imaginário coletivo do Cariri, os quais contidos nas canções e nos cordéis desse artista são-joanense, que expressa em sua arte à preocupação para com a preservação e valorização das tradições e da cultura local. Veja alguns registros desse trabalho:

Figura 8: Participação do poeta Júnior Cordeiro na VI Exposição Científica e Cultural da Escola Jornalista José Leal Ramos



Fonte: OLIVEIRA, P.C.A de. (dezembro/2013)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve duas motivações que nortearam a sua realização, a saber: a necessidade de uma proposta de ensino que vise aproximar educação e cultura, a fim de que esta conexão traga um impacto significativo na aprendizagem humanas dos discentes. E também pela necessidade de oferecer espaços de leitura no âmbito escolar que propiciem o (re) conhecimento da literatura local, aquela que emerge, sobretudo da tradição oral e faz alusão ao imaginário coletivo do Cariri Paraibano.

A concretização desta proposta de ensino evidenciou resultados bastante satisfatórios. Ao considerar a Poesia Popular uma manifestação de grande valor cultural e produtiva, adotou-se uma metodologia de viés dialógico, com leituras orais e expressivas, leituras e discussões compartilhadas, que oportunizaram o encontro dos (as) alunos (as) com a experiência cultural ali representada. Nesse sentido, a experiência de leitura com as canções e folhetos de cordéis com o poeta local Júnior Cordeiro permitiu por meio das discussões, observar as alusões aos entes fantásticos e aos símbolos contidos no imaginário lendário e cultural da comunidade local presentes nos textos em análise.

Muitos (as) alunos (as) se identificaram com as lendas descritas nas letras de músicas de Júnior Cordeiro, verbalizaram a imaginação suscitada e a reinventaram, trazendo suas realidades para o cenário lendário. Após ter vivenciado essa leitura musical e poética, constatou-se que as lendas e as crenças estão presentes no imaginário do alunado, portanto, o (a) docente não deve desconsiderar a influência das lendas e o uso da imaginação simbólica na sala de aula.

Em consonância com esses parâmetros, a presente proposta de leitura realizada nas aulas de Língua Portuguesa representou um exemplo de abertura de espaços para desvendar a cultura local, de forma que foi possível identificar utopias e metáforas que povoam o imaginário lendário, cultural e religioso do povo do Cariri Paraibano. Finalmente, este trabalho mostrou-se que, a escola não necessariamente deve oferecer cultura, mas explorar a cultura do alunado para sensibilizá-los para esse saber plural.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINI, A. L. O pampa na cidade: **o imaginário social da Música popular Gaúcha**. 2005. 195p. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul. 2005.
- AGUIAR, V. T. de. Da teoria à prática: competência de leitura. In: MARTHA, A. Á. P. (org.). **Leitor, leitura e literatura: teoria, pesquisa e prática: conexões**. Maringá: Eduem, 2008.
- AGUIAR, V. T.; BORDINI, M. da G. de. Interesses de leitura e seleção de textos. In: _____. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BOSI, A. Plural, mas não caótico. In: _____. **Cultura brasileira: temas e situações**. São Paulo: Ática, 1987. p.7.
- BOSI, A. Sobre alguns modos de ler poesia: memórias reflexões. In: _____. **Leitura de poesia**, São Paulo: Ática, 1996.
- BRANDÃO, C. R. Viver de criar cultura, cultura popular, arte e educação. In: SILVA, R. M. da C. (org.). **Cultura popular e educação**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2008. 246 p. (Salto para o futuro).
- BRASIL, Linguagens, códigos e suas tecnologias: conhecimento de literatura. In: _____. **Orientações curriculares para o ensino médio**. Brasil: MEC / Secretaria de Educação Básica, 2006, p. 49-81.
- BRASIL. Ministério da Educação. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei n. 9.394, de 1996**. Brasília: Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicação, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 133 p.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. (1ª a 4ª Série). Brasília: MEC/SEF, 1997. 164p.
- BRASIL/SEMEC. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Brasília: MEC/Semtec, 2002.
- COLOMER, T. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- CORDEIRO, J. **A briga da cascavel com o tejo motorizado**. 1. Ed. Campina Grande, PB, 2009, 12p.

CORDEIRO, J. O fabuloso encontro de Júnior Cordeiro com a Caipora. 1. Ed. Campina Grande, PB, 2011, 15p.

CORDEIRO, J. O Lago Misterioso. Campina Grande: Art Mix, p2010. 1 CD.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

ISER, W. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, L. (org.). **A literatura e o leitor: textos de Estática da Recepção.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JAUSS, H. R. A história da literatura como provocação à teoria literária. Trad. S. Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

MARINHO, A. C.; PINHEIRO, H. **Cordel no cotidiano escolar.** São Paulo: Cortez, 2012.

MARTINS, C. M. M. S. **Metalinguagem e ensino: vivência com poemas de Ferreira Gullar.** 2010. 293 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino), Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande. 2010.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MORAIS, L. G. B. de L.; SILVA, O. J.; ALMEIDA, C. A. de. Trabalhando o turismo no contexto escolar: reflexões a partir de experiência no ensino de geografia no município de São João do Cariri – PB. **Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 6, n. 3, p. 531-551, jul. 2013.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador.** Rio de Janeiro: DP & A, 2006. 122 p.

PARAÍBA. **Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba: Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias.** João Pessoa. Secretaria de Estado da Educação e Cultura/Coordenadoria de Ensino Médio, 2007.

PETIT, M. O papel do mediador. In: _____. **Os jovens e a leitura.** Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed. 34, 2008. p. 147-189.

PINHEIRO, H. Literatura popular e ensino: leituras atitudes e procedimentos. In: PINHEIRO, H. (org.). **Literatura e formação de leitores.** Campina Grande: Bagagem, 2008a. p. 15-28.
PINHEIRO, H. **Poesia na sala de aula.** Campina Grande: Bagagem, 2007.

PINHEIRO, H. Tesouros da poesia popular para crianças e jovens. **Boitató – Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL.** n. 5, p. 34-45, jan./jul. 2008b.

PINHEIRO, H.; LÚCIO, A. C. M. **Cordel na sala de aula.** São Paulo: Duas cidades, 2001. (Coleção Literatura e ensino, 2).

SECRETARIA DE POLÍTICAS CULTURAIS - SPC. **Educação e Cultura**. Disponível em: < <http://www.cultura.gov.br/educacao-e-cultura>>. Acesso em: 21 de set. 2014.

SILVA, R. M. da C. (org.) Cultura Popular, linguagens artísticas e educação. In: _____. **Cultura popular e educação**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2008. 246 p. (Salto para o futuro).

SILVA, T. T. Discurso e identidade: o currículo multiculturalista. In: _____. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 85-90.

SOUSA, P. de F. **Poesia, ensino e formação de professores**: vivência com vozes da lírica feminina. 2013. 174 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino), Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande. 2010.

SOUSA, P. de F. **Poesia, ensino e formação de professores**: vivência com vozes da lírica feminina. 2013. 174 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino), Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande. 2010.

TERCEIRO, V. F. de C. N. **O poder do imaginário popular**. Disponível em: < www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/mydownloads_01/singlefile.php?com_mode=flat&com_order=1&lid=3663&cid=44>. Acesso em: 20 de set. 2014.